

AMKOULLEL, O MENINO FULA: o limiar da religiosidade afro-islâmica

Eumara Maciel dos Santos
Allison Esdras Germandes de Oliveira

RESUMO

Analisa-se, neste artigo, a religiosidade muçulmana na tecedura das narrativas da autobiografia *Amkoulel, o menino fula*, do malinês Amadou Hampâté Bâ. Ao passo que delinea os valores socioreligiosos da etnia fula, Bâ tece relatos corroborando a expansão, o poder e a beleza do muçulmanismo no Mali. A pesquisa é de caráter bibliográfico, fundamentada à luz dos ideais de Munanga (2009) ao defender as diversidades étnica e cultural e, assim, impulsionar reflexões acerca das matrizes africanas. Como contribuições sobre a cultura muçulmana, foram considerados os pressupostos do Alcorão Sagrado, em diálogo com as obras de Caner e Caner (2002), Giordani (1987), Lewis (1986), Lopes (2008) e outros.

Palavras-chave: Literatura malinesa. Cultura. Religião muçulmana.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, os graduandos pesquisadores se debruçaram sobre as nuances da religiosidade afro-islâmica que permeia as narrativas em *Amkoulel, o menino fula*, em que são tecidos relatos sobre os valores religiosos no Mali, bem como as normas e mesclas religiosas que entremeiam o mundo de Amadou Hampâté Bâ.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, fundamentada à luz dos ideais de Munanga (2009), que defende as diversidades étnica e cultural e, assim, impulsiona reflexões acerca das matrizes culturais africanas. Dada a proposta de trazer à baila nuances religiosas afro-islâmicas, neste artigo, considera-se o Alcorão, o livro sagrado do islã, posto em diálogo com os autores: Giordani (1997), que discorre sobre a História da África anterior ao descobrimento; Caner e Caner (2002) que buscam descortinar a opressora vida e fé muçulmana; Gonçalves (1958) que trata sobre o mundo árabe numa perspectiva religiosa; e Lewis (1986), com estudos sobre o islamismo nos territórios subsaarianos e outros.

A relevância social deste trabalho constitui-se em evidenciar aspectos singulares da cultura religiosa do Mali trazidos por Bâ, em sua obra autobiográfica, e, assim, oportunizar reflexões acerca do respeito às diversidades étnica e cultural, que, de acordo com Munanga, sustentam o princípio de igualdade:

A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois, fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade. (MUNANGA, 2010).



O MUNDO AFRO-ISLÂMICO DE AMKOULLEL, O MENINO FULA

Na paisagem além da *brousse*¹, onde ritmos e tons se anunciam, surge um notar: jovens escutam atentamente sábios anciões², aqueles que assistiram, por mais vezes, à emersão do sol no horizonte, descrevendo com particularidades as tradições de um povo que peregrinou pela região savânica do Mali, deixando uma marca, firmando um legado. São os fulas povos de tradição oral, que trazem arraigados consigo valores sociorreligiosos, estendendo-se de geração em geração.

Nessa moldura, o legado oral é de supra importância para o âmbito religioso oriental, pois marca, de forma ímpar, a vida dos fulas, que bebem na fonte da memória, dos saberes religiosos, para que estes não se percam ao longo tempo, ainda que estejam registrados em um livro para eles sagrado. Cada palavra evocada surge para que sua religiosidade não defina no caminho dos ventos, mas galgue a memória da coletividade fula.

A religião, qualquer que seja, faz parte do cotidiano de seus fiéis, e no entremear das matrizes africanas, estava presente também na coletividade no Mali. O islamismo difunde suas marcas através da grande expansão demográfica: os homens submetidos ao islã designam tempo a Alá, e, em devoção ao mesmo, pregam atitudes e crenças religiosas, maneiras de viver e de pensar.

A expansão religiosa islâmica em solo africano ocorreu por diversos fatores: seja através das transições mercadológicas, em que se mantinha o contato entre os muçulmanos e africanos, ou então, quando um soberano se convertia e implicava a conversão de toda uma comunidade. Houve também a sedutora proposta da prosperidade dos estados islâmicos, os quais eram tidos como agraciados. Por meio da sua mão colonizadora, buscaram expansão territorial e especiarias, impondo-se ora pela força bruta do seu poderio, ora pela força da sua fé, como assegura Giordani:

O Islam se impôs, às vezes pela força bruta. “O fanatismo e o orgulho dos conquistadores levava-os quer a desprezar os pagãos e a deixá-los submissos ou escravos, quer deixar-lhes a escolha entre a morte ou a conversão. Mas muitas vezes também a conversão foi efetivada na ausência de toda força, quer por marabus³ isolados que não tinham outro poder senão a fé, quer por infiltrações lentas. Procurava-se ganhar a aristocracia, depois, aos poucos a massa camponesa.” (GIORDANI, 1997, p. 166).

¹ Formação estépica da África, caracterizada por vegetação rasteira de gramíneas misturadas com algumas árvores e arbustos. Também qualquer área fora do perímetro da cidade. Em português, a palavra mais aproximada seria “sertão”. (BÂ, 2003, p. 26).

² Para os fulas (ou fulás), a ancianidade é uma forma simbólica representada pelo binômio lembrança/ transmissão da cultura, expressão esta que resulta numa soma de conhecimentos com os quais se formula o conselho, pois à figura senil cabe a arte de contar, semear o saber. (OLIVEIRA e SANTOS, 2009, p. 2).

³ Entre os muçulmanos, sábio que se consagra à prática e ao ensino da vida religiosa. (BÂ, 2003, p. 36).



A colonização islâmica, mesmo com sua força bruta e suas investidas intencionando pulverizar as religiões de solo africano, não encontrou sujeitos facilmente manipuláveis, enfrentando resistência religiosa, conforme atesta Lopes:

É evidente que, chegando à África, o Islã encontrou firme resistência, especialmente pelo fato de se defrontar com religiões tradicionais fortemente estruturadas, com uma filosofia própria e toda uma doutrina. Assim, nesses primeiros tempos, os negros africanos que se islamizaram geralmente o fizeram com objetivos de ascensão, promoção e prestígio social, captando do islã as práticas superficiais, simplificando os rituais e adaptando-os à sua realidade e ao seu modo de ser, sincretizando o islamismo com sua tradição religiosa. (LOPES, 2008, p. 52-53).

Biografia escrita no século passado, *Amkoullel, o menino fula* exibe um aramado de belezas que constituem a infância e a adolescência do seu narrador-personagem, cosendo uma narrativa meticulosa, desvendando um universo de particularidades que ressoam a multifacetada sociedade na qual viveu em meio aos ensinamentos espirituais da religião islâmica, seguindo os moldes que Caner e Caner (2002) descrevem:

O islã ensina que o Alcorão é uma cópia exata, palavra por palavra, da revelação final de Deus, palavras inscritas em tábuas ou tabuletas que sempre existiram no céu. [...]. De acordo com a tradição muçulmana, essas revelações foram enviadas até o céu mais baixo dos sete céus, durante o mês de ramadã⁴, na noite de poder. De lá, foram reveladas a Maomé por meio do anjo Gabriel. (p. 87).

Amkoullel, o menino, como uma autobiografia, evidencia o olhar de um homem africano, ao traçar memórias infante-juvenis no cenário de uma África islamizada. Uma África retratada por um africano: eis a legitimidade da obra. Bâ, por sua vez, por estar inscrito em uma formação ideológica religiosa muçulmana, não pinta os tons da opressão islâmica, do silenciamento instaurado sobre a figura feminina por exemplo. O sentido de religiosidade na vida do jovem provém tanto da sua matriz africana, vivenciado, há muito, pelos seus ancestrais cotidianamente, quanto do islamismo, instaurado pela mão colonizadora: eis o ponto de tensão da obra.

Bâ é islâmico. Sua mãe tem o nome que remete à figura feminina primeva da sua religião: Kadidja, a esposa de Maomé. Antes de filho, Amadou Hampâté Bâ é um homem inserido em uma sociedade muçulmana, apesar de dedicar a Kadidja as principais linhas de seu livro.

⁴O período islâmico de dias santos mais conhecido universalmente é o ramadã, que é tanto o nome do mês quanto o nome do período de jejum. Cumprir um jejum diário nesse mês mais especial do ano é um dos cinco pilares do islã (sawn). A forma de adoração mais praticada pelo muçulmano convoca um bilhão de muçulmanos de todo mundo para a devoção, reflexão e autocontrole. (CANER e CANER, 2002, p. 171).



Bâ, nas suas narrativas, ressignifica a ideia de África uma, simples e limitada. Ao recontar as histórias de sua comunidade, revela um novo olhar sobre o continente africano, expõe nuances múltiplas, que se apresentam em uma nova África, com sonâncias diferenciadas, onde cada peculiaridade compõe esse instigante e formoso mosaico cultural.

As peças fragmentadas são unidas nessas narrativas, desvendando matrizes culturais que o continente possui. Cabe aqui fazer menção à noção de rizoma estabelecida por Glissant (2005): “A raiz única é aquela que mata a sua volta, enquanto rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes” (p. 71). Dessa maneira, a cultura religiosa dos fula foi possivelmente suplantada, adquirida pelos malineses frente à colonização islâmica.

As leis do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, corriam para um atrito com a crença politeísta africana, posto que esses povos entendiam que havia uma gama de representações divinas:

[...] há numerosas diferenças: deuses, símbolos sagrados, proibições religiosas e costumes sociais delas resultantes, variam de uma região a outra, de uma etnia a outra, às vezes, de aldeia para aldeia. (BÂ, 2003, p.14).

Os intensos conflitos ocorridos nas regiões africanas incidiram frequentemente pela busca de especiarias, ou pela dominação socioeconômica. Na obra analisada, a pauta da religiosidade não foi uma questão posta em guerras. Os fulas, povo-berço da história de Amadou Hampâté Bâ, conciliaram ambas as tradições, africanas e muçulmanas:

De fato, por onde se espalhou, o islã não adaptou a tradição africana a seu modo de pensar, mas, pelo contrário, adaptou-se à tradição africana quando – como normalmente ocorria – esta não violava seus princípios fundamentais. A simbiose assim originada foi tão grande, que por vezes, torna-se difícil distinguir o que pertence a uma ou a outra tradição. (GIORDANI, 1997, p. 174).

Bâ põe, refletido na sua autobiografia, o jovem menino fula, que corria as savanas de Bandiagara, e, como retratos que vêm à sua memória, relembra, com clareza, os grandes momentos em que a religião fez-se presente na sua vida e como foi de vital importância para sua formação e consolidação do seu caráter:

Quando cheguei à idade de sete anos, uma noite, depois do jantar, meu pai me chamou. Ele me disse: “Esta será a noite da morte de sua primeira infância. Até agora, sua primeira infância lhe dava liberdade total. Ela lhe dava direitos sem impor qualquer dever, nem mesmo o de servir e adorar a Deus. A partir desta noite, você entra em sua grande infância. Terá certos deveres, a começar pelo de frequentar a escola corânica. Aprenderá a ler e a memorizar os textos do livro sagrado, o *Alcorão*, a que chamamos também Mãe dos Livros”. (BÂ, 2003, p. 135).



A presença da religião agrega múltiplos significados. Nas rotatividades das tribos africanas, o legado religioso permeia toda a vivência e a conjectura social. Entre os fulasfulás, não ocorreria diferente: a religião está imbuída de valores e crenças que não ficam estagnadas a uma determinada situação, a um culto ou a um rito, mas permeia toda a vida de cada cidadão.

A cultura e a história do povo malinês refletem como ocorriam as relações entre as tribos. Na obra, quando Bâ faz ecoar outras matrizes religiosas que não a islâmica, aponta o convívio tolerante⁵ dos fulasfulás com os povos de outras religiões:

Na época, havia três santuários em Kati⁶: a igreja cristã, com sua escola e sua creche; a mesquita, com sua *medersa* (escola) e sua *zaouia* (local de reunião e oração de uma confraria *sufi*⁷) e o *dijetou*, bosque sagrado dos bambaras, onde geralmente eram celebrados os cultos. Meu pai Tidjani, apesar de muçulmano rigoroso ao extremo consigo mesmo e com a família, era muito tolerante. Havia tornado suas as palavras do Alcorão: “nada de repressão em relação à religião, a verdade se distingue por si mesma do erro (II, 256)”. (BÂ, p. 292-3).

As trocas socioculturais entre os árabes e os malineses promoveram uma nova estrutura religiosa em que os alicerces das sociedades muçulmanas foram ressignificados no berço fula, mantendo, assim, muito das tradições da cultura malinesa e a representatividade islâmica. Essa reorganização religiosa resultou no rompimento das burcas longas e abriu espaços para os *bubus*⁸, vestimentas com um novo recorte e cores que representam a alegre e vívida África. Os ritos de passagem tomaram caminhos particulares e próprios do contexto social que se é vivido, como a circuncisão.

Quanto à figura feminina, a voz passiva da mulher na cultura do Alcorão a faz submissa e a põe em detrimento da figura do cônjuge, localizando-a em um *continuum* de baixo potencial social. Tal ideia é também ressignificada por Bâ, ao revelar, em sua autobiografia, a matriz africana da matriarcalidade⁹ – a mãe como o cerne da família e da sociedade – sobrepondo-se ao assujeita-

⁵ Entende-se tolerante não como o que admite e respeita opiniões contrárias, mas como os que suportam, os que “desculpam”, são “indulgentes”, “complacentes” com a forma errada, portanto inferior, de pensar e de agir dos outros.

⁶ Kati, antiga aldeia Bambara ao norte de Bamako, à entrada do Beledugu, é cercada por colinas gresíferas vermelhas [...] uma verdadeira fortaleza natural. (BÂ, 2003, p. 285).

⁷ Em relação à doutrina, os sufis pregam a centralidade do amor de Alá [...]. Os sufis baseavam seus ensinamentos na simplicidade do estilo de vida de Maomé e dos primeiros califas, bem como na rejeição da riqueza. (CANER e CANER, 2002, p. 181).

⁸ Grande túnica, vestimenta típica dos muçulmanos africanos. (BÂ, 2003, p. 43).

⁹ A matriarcalidade é uma das matrizes culturais africanas em que a crença ancestral exalta a figura feminina como a grande portadora do poder de principiar a vida do homem. (SANTOS, 2009, p. 02).



mento¹⁰ feminino islâmico. O exemplar maior dessa mescla religiosa é a figura de Kadidja, mãe do menino fula, que, apesar de inserida no meio islamizado, faz-se forte, vivaz e destemida.

Quando se descortina o binômio religioso africano/islâmico, descortina-se também a força apreendida ao evocar as palavras, o pulsar da matriz oral africana¹¹ que valida os ensinamentos culturais, sociais e religiosos, quer oralizados, quer escritos. No muçulmanismo, as palavras reveladas por Alá a Maomé, para validação das verdades da religião islâmica, “tiveram de ser” sumariamente escritas em taboas e em árabe, tendo em vista que os islâmicos não consideram nem mesmo as traduções do Alcorão. Vale o que está escrito. Tem peso diferente a oralidade nessas religiões, haja vista possivelmente à (in)credulidade na palavra do outro, na escuta do outro, nos deslizamentos humanos. Entretanto, de acordo com Bâ, ambas não convergem quanto ao respeito comunitário, pelo outro e por si mesmo:

Desde essa época aprendi a aceitar as pessoas tais como eram, africanas ou europeias, sem deixar de ser plenamente eu mesmo. Este respeito e essa escuta do outro, seja ele quem for ou de onde vier, desde que estejamos bem enraizados, em nossa própria fé e identidade, seriam mais tarde uma das maiores lições que recebi de Tierno Bokar¹². (BÂ, 2003, p. 135).

A adaptação no circular da religiosidade entre fulas e islã, de acordo com Bâ, não limita a ação de nenhum dos membros de uma família ou restringe sua voz e sua autoridade, ao contrário, o símbolo da fé alicerça essa união, fazendo-a íntima aos que dela participam:

De qualquer maneira – e aí reside a profunda originalidade dos fula – através do tempo e do espaço, das migrações, das mestiçagens, das contribuições exteriores e das inevitáveis adaptações ao meio ambiente, eles souberam manter sua identidade e preservar sua língua, seus fundamentos culturais extremamente ricos e, até a época de sua islamização, suas tradições religiosas iniciáticas. Tudo isso, ligado a um agudo sentimento da própria identidade e nobreza. Sem dúvida, já não sabem de onde vem, mas sabem quem são. “O fula conhece a si mesmo”, dizem os bambaras. (BÂ, 2003, p. 24).

¹⁰ Nesse contexto, entende-se assujeitamento como deixar de ser sujeito pela imposição dos ideais de quem exerce o poder, tornar-se objeto, manipulável (apesar de, na maioria das vezes, não gozar de escolhas).

¹¹ A oralidade é uma matriz cultural africana que transcende a própria escrita e é tratada, na obra do autor malinês, como o poder da palavra que mora na narrativa e nunca se apaga. (OLIVEIRA, 2009, p. 01)

¹² Tierno Bokar, tradicionalista em assuntos africanos e islâmicos [...] o sábio de Bandiagara. (BÂ, p. 31)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amadou Hampâté Bâ pinta com as tintas da memória matrizes culturais africanas e revela a África-sujeito, repleta de beleza e força, tais como: o poder da palavra; a figura louvável da mãe; a sabedoria do ancião; os laços familiares além-sangue; a religiosidade afro-islâmica; dentre inúmeros outros valores africanos, sobretudo, os malineses.

No pincelar da aquarela de suas memórias, Amadou delinea a religiosidade dos fulas. No entanto, essa religiosidade não desponta como “rota alterada”. Bâ não considera o islamismo como uma religião do colonizador e nem o retrata como um elemento opressor das matrizes religiosas africanas. O autor, por estar inscrito no muçulmanismo, por tê-lo vívido, pinta, sim, os tons da narrativa de acordo com o que os seus olhos foram educados para ver e viram, obedecendo a seus valores religiosos. O ponto de tensão da obra é justamente este, a perspectiva religiosa: Bâ tenta imprimir matizes harmônicas inter-religiosas onde é evidente a tinta carregada da supremacia islâmica.

Por baixo dos véus islâmicos, existe um Mali entremeado de ritos e mitos, em que os fulas revelam-se em sua profundidade. Esse véu não chegou a ser arrancado por Bâ, já que uma autobiografia não se propõe a (nem pode) des-velar a história. Certamente, o melhor da obra constitui no fazer saltar aos olhos do leitor singulares nuances da cultura e da tradição malinesas e, sobretudo, do pensamento de um malinês sobre o Mali, de um islâmico sobre o islamismo.

Mas, para uma leitura inequívoca das entrelinhas, pinceladas sutis, nota-se o quão fundamental é o conhecimento da história da África. Sobretudo àqueles que tinham um olhar viciado pelas lentes eurocêntricas sobre o continente africano e pelo silenciamento da história africana, cai por terra a ideia de África una, simples. Por tudo isso, nas suas narrativas, Amadou Hampâté Bâ conduz o leitor a se inquietar mediante a uma das diversas Áfricas, mediante a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO SAGRADO. Paraná: Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu.
- BÂ, Amadou Hampâté. Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. São Paulo: Ática, Unesco, 1982. Vol. 1. Metodologia e pré-história na África.
- _____. *Amkoullel, o menino fula*. Trad.: Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena, 2003.
- CANER, Ergun Mehmet, CANER, Emir Fethi. *Islã sem véu: um olhar sobre a vida e a fé muçulmana*. Trad.: Haroldo Jazen. São Paulo: Editora Vida, 2004.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da África anteriores ao descobrimento: Idade Moderna I*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História do mundo árabe medieval*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, MG: EDUFJF, 2005.
- LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia: Antropologia*. Trad.: Anna Hartmann Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LEWIS, Ioan. *Islamismo ao sul do Saara*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1986.
- LOPES, Nei. Malês: o islã negro no Brasil. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 2).
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>. Acesso: 29 jun. 2010.
- OLIVEIRA, Allisson Esdras Fernandes. Amkoullel, o menino fula: pastoreando histórias e apascentando memórias na oralidade africana. COLE. Congresso de Leitura Do Brasil. *Anais do 17º...* Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_496.pdf.
- _____; SANTOS, Eumara Maciel. Ancianidade nas histórias de Amkoullel, O Menino Fula. *Revista África e Africanidades*, ano 3, n. 9, maio, 2010..
- SANTOS, Eumara Maciel. No colo de Kadidja: a matriarcalidade africana em Amkoullel, o menino fula. COLE. Congresso de Leitura do Brasil. *Anais do 17º...* Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_491.pdf.

ABSTRACT

We analyzed in this article, the Muslim religion in weaving the narratives of autobiography Amkoullel the boy Fulani of Mali Amadou Bâ Hampâté. While outlining the socio-religious values of the Fulani ethnic group, weaves Bâ reports corroborating the expansion, the power and beauty of Muslims in Mali. The research is bibliographical, founded in light of the ideals of Munanga (2009) to defend the ethnic and cultural diversity, and thus boost reflections on the African matrices. The contributions of Muslim culture, we considered the assumptions of the Holy Quran, in dialogue with the works of Caner & Caner (2002), Giordani (1987), Lewis (1986), Lopes (2008) and others.

Keywords: Literature malian. Culture. Muslim religion.